

A NATUREZA COMO ESPAÇO FORMATIVO: UMA REFLEXÃO SOBRE O BRINCAR NA NATUREZA

BRENDA ABREU RITTA¹; RAYNE PLAMER KOHLER²;

JULIA GUIMARÃES NEVES³:

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – abreurittabrenda@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – raynepk5@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – julianeves.bio@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A infância é um período cheio de descobertas e novidades, e o brincar é uma das formas mais autênticas de expressão e aprendizado nesse momento da vida. Quando esse brincar acontece em ambientes naturais, ele ganha ainda mais significado e possibilidades, contribuindo para o desenvolvimento completo da criança. A natureza, com sua variedade de formas, texturas, sons e ritmos, estimula a curiosidade, a experimentação e ajuda a criar vínculos afetivos com o mundo ao redor.

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a importância do brincar livre na natureza para crianças pequenas, a partir das contribuições dos textos "*Brincar livre com a natureza na infância*", de Ana Carolina Pires e Matias Dragunskie, "*Crianças, natureza e educação infantil*", de Lea Tiriba e "*Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*", de Maria Isabel de Barros. Nessas obras, os autores defendem o brincar como prática educativa e essencial para o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao mundo natural.

Por meio da discussão aqui proposta, defendemos a importância do brincar na natureza, reconhecendo não apenas as habilidades que são desenvolvidas nessa vivência, mas, sobretudo, o protagonismo da criança na construção das próprias experiências e na relação afetiva que se estabelece com o meio. Olhar com cuidado e sensibilidade para o mundo que habitamos é essencial, e isso só se torna possível quando nos compreendemos como parte dele. Assim, o brincar livre em ambientes naturais contribui para a formação de uma consciência ambiental, urgente e indispensável para a preservação do futuro.

Um dos aspectos centrais debatidos neste trabalho através do texto de Barros (2018) é a escassez de espaços naturais no cotidiano escolar, muitas vezes comprometida pela lógica de ampliação do atendimento, que transforma áreas ao ar livre em salas de aula concretadas. Diante desse cenário, nos questionamos: que tipo de educação estamos oferecendo às nossas crianças? Será que ela tem, de fato, se comprometido com a formação integral de sujeitos conscientes, críticos e sensíveis ao mundo que os cerca? Partindo dessas indagações, buscamos pensar propostas que possibilitem a adaptação dessas práticas ao contexto escolar atual, considerando suas limitações e desafios. Para isso, propomos o uso intencional e criativo de recursos naturais como parte do planejamento pedagógico, reconhecendo que é possível promover experiências significativas mesmo em espaços reduzidos.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância do brincar na natureza, considerando a contribuição que ela oferece para o desenvolvimento pleno da criança, ao proporcionar oportunidades para que ela investigue e descubra o mundo ao seu redor.

É brincando que as crianças ganham intimidade com o meio, conhecem a si mesmas e aos outros, investigam e aprendem sobre o mundo. Brincar livremente em um ambiente rico em possibilidades que a natureza entrega é fundamental para o bom desenvolvimento do ser humano e da sociedade. (Pires e Dragunskie, 2023)

Diferente dos brinquedos prontos e dos espaços fechados, a natureza convida a criança a criar suas próprias regras, a testar seus limites, a observar os ciclos da vida. Nesse ambiente vivo e em constante mudança, tudo vira possibilidade: uma pedra pode ser um fogão, um galho se transforma em espada ou varinha mágica, e uma poça d'água vira o melhor lugar do mundo para pular. Essa liberdade de criação e expressão é fundamental para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da autoconfiança. Brincar na natureza também aproxima as crianças umas das outras. Ao inventar jogos, construir esconderijos ou aventurar-se pelo pátio, elas aprendem a conviver, a cooperar, a respeitar os ritmos e ideias dos colegas. E, talvez mais importante, aprendem a cuidar: da planta que nasceu, do bichinho que encontraram, do ambiente em que estão. Esse vínculo com o natural desperta desde cedo uma consciência ambiental, tão urgente para o futuro do planeta.

Um dos pontos ligados diretamente ao extermínio de espaços naturais nas escolas é discutido por Tiriba (2005), e nos convida a refletir criticamente sobre as consequências das políticas de ampliação do acesso à educação infantil quando estas são guiadas por uma lógica meramente quantitativa. A autora utiliza a expressão “ideologia do espaço construído” para nomear o fenômeno observado em muitos Centros de Educação Infantil (CEIs), onde todos os espaços disponíveis são ocupados com edificações, em uma tentativa de atender à crescente demanda por vagas. Esse processo, no entanto, tem efeitos preocupantes: áreas verdes são eliminadas, os pátios ao ar livre desaparecem e as crianças passam a viver grande parte do seu tempo em ambientes fechados, concretos, emparedados. Embora as educadoras reconheçam que essa situação está ligada à escassez de recursos, Tiriba aponta que há também um aspecto ideológico por trás dessas escolhas: uma perspectiva assistencialista, que se concentra em garantir o atendimento do maior número possível de crianças, mesmo que isso se dê em condições pouco adequadas. Trata-se, portanto, de uma ampliação do acesso que não assegura, de fato, qualidade de vida e bem-estar para as infâncias.

Os autores Pires e Dragunskie (2023) falam sobre a possibilidade de adotarmos uma nova perspectiva sistêmica na educação, em que os alunos deixem de ficar apenas dentro da sala de aula para vivenciarem experiências de aprendizado em espaços externos, ao ar livre. O modelo tradicional ainda presente em muitas escolas se assemelha a um sistema fabril, onde o conhecimento é transmitido de forma padronizada, entre quatro paredes, com o professor ocupando o centro das decisões. Diante disso, é urgente repensar as práticas pedagógicas e abrir espaço para metodologias mais vivas e significativas, que valorizem a relação da criança com a natureza e incentivem seu protagonismo no processo de aprender. Pensar na educação do presente, é pensar na educação do futuro. As

escolhas que fazemos hoje irão refletir diretamente no tipo de sociedade que queremos construir.

Afinal, a escola deve ser a instituição onde aprendemos formalmente sobre o mundo, a vida, não é possível que isso aconteça em um ambiente sintético, artificial, onde a vida não esteja presente. É preciso aprender com o mundo, com a vida, portanto se faz cada vez necessário ampliar o tempo e as atividades ao ar livre. Sob esta ótica, uma educação fundada na relação com a natureza se faz necessária, se faz urgente. Uma escola para além da área natural e grande biodiversidade presentes, com valores coletivos e democráticos.(Pires e Dragunskie, 2023)

Ao pensar sobre como trazer a natureza para o cotidiano das escolas, é comum imaginar que isso só seria possível com grandes espaços abertos ou muitos recursos naturais à disposição. No entanto, Barros (2018) nos provoca a olhar para essa questão com mais sensibilidade e menos rigidez. Para ela, o essencial não está na quantidade de espaços, mas sim no olhar do educador, um olhar criativo, atento e disponível para enxergar possibilidades onde, à primeira vista, muitos só veem limites.

Com um pouco de iniciativa e intenção, é possível transformar pequenos cantos em territórios de descobertas. Em seu livro sobre o desemparedamento das escolas, a autora fala sobre o papel fundamental da escolha dos materiais para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, sugerindo utensílios de cozinha, materiais não estruturados, como pedaços de madeira, tecidos, cascas, pedras e elementos naturais como terra e água. Esses materiais, por não terem um uso definido, convidam à experimentação. Nesse sentido, o ato de escolher quais materiais oferecer é também um posicionamento pedagógico. Ao propor um ambiente rico, esteticamente cuidado e aberto à invenção, o educador demonstra que acredita na potência das crianças, respeita seus tempos e valoriza sua autonomia. Trata-se de confiar no processo do brincar como um campo legítimo de aprendizagem e desenvolvimento. Portanto, desemparedar não é apenas sair das quatro paredes da sala de aula. É também romper com a rigidez dos materiais prontos e fechados, e abrir caminho para que as crianças se relacionem de forma mais livre, sensível e criativa com o mundo à sua volta.

A autora oferece uma forma viável de adaptar a prática do brincar na natureza à realidade atual das escolas, especialmente nas áreas urbanas, onde os espaços livres são escassos e os recursos muitas vezes limitados. Ao propor que pequenas ações, combinadas com criatividade e intenção pedagógica, sejam capazes de gerar experiências ricas e significativas, abre-se a possibilidade de incorporar a natureza no cotidiano escolar de maneira concreta e acessível.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, ficou evidente que o brincar na natureza não é apenas uma atividade recreativa, mas uma experiência essencial para o desenvolvimento integral da criança. A natureza, com sua riqueza de estímulos sensoriais, desafios e possibilidades, oferece um ambiente vivo e instigante, onde as crianças podem se expressar livremente, criar, imaginar, arriscar e aprender com o mundo que as cerca.

Mais do que defender a presença da natureza na infância, discutiu-se a importância de um novo olhar para a prática educativa: um olhar que reconhece a criança como sujeito potente, capaz de construir conhecimento a partir de suas vivências, e que valoriza ambientes que favoreçam o protagonismo, a autonomia e o cuidado. Desemparedar, nesse contexto, é também repensar as relações com o tempo, com os espaços e com os materiais. É permitir que a infância aconteça com mais liberdade, mais movimento e mais conexão com a vida.

Os textos aqui estudados indicam que é possível e necessário criar caminhos para que a natureza esteja presente no cotidiano das escolas, mesmo em contextos urbanos. Isso exige intencionalidade pedagógica e coragem para romper com modelos engessados abrindo espaço para experiências mais significativas. Afinal, garantir o direito de brincar na natureza é também garantir o direito de uma educação plena.

Considerando todas as reflexões apresentadas, torna-se evidente a importância de uma formação docente que prepare futuros professores para compreenderem o brincar na natureza como uma potencialidade formativa e essencial ao desenvolvimento integral das crianças. Essa compreensão vai além da valorização de práticas ao ar livre, mas exige uma ressignificação das concepções pedagógicas ainda muito atreladas a modelos tradicionais de ensino. É necessário repensar a maneira como entendemos o processo educativo, superando abordagens centradas apenas na transmissão de conteúdos e em espaços fechados, para dar lugar a uma educação mais aberta, que reconhece a criança como sujeito ativo, curioso e sensível, formando educadores capazes de olhar para além das paredes da sala de aula, atentos às múltiplas formas de aprender que surgem no contato com o mundo natural. Nesse movimento, a escola se aproxima da vida, e a prática pedagógica se torna mais viva, significativa e comprometida com o desenvolvimento integral das crianças.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TIRIBA, Lea. Crianças, natureza e educação infantil. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2005, p. 1-19.

PIRES, Ana; DRAGUNSKIE, Matías. Brincar livre com a natureza na infância: o começo de uma educação científica para a liberdade. **ClimaCom – Ciência. Vida. Educação.** [online], Campinas, ano 10, n. 24., maio. 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/brincar-livre/>

BARROS, Maria Isabel Armando de. Desemparedamento da infância: A escola como lugar de encontro com a natureza. 2ª edição. Criança e natureza. Rio de Janeiro, julho de 2018.